Versão Online ISBN 978-85-8015-079-7
Cadernos PDE

VOLUME II

OS DESAFIOS DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE NA PERSPECTIVA DO PROFESSOR PDE

Produções Didático-Pedagógicas

2014

PARANÁ
GOVERNO DO ESTADO
Secretaria da Educação

Ficha para identificação da Produção Didático-pedagógica – Turma 2014

Título: Museu Escolar Digital: Preservação da memória escolar do Colégio Estadual Julio Farah	
Autor: Aline Cabral Calusci Vedan de Azevedo	
Disciplina/Área:	História
Escola de Implementação do Projeto e sua localização:	Colégio Estadual Julio Farah – Ensino Fundamental e Médio
Município da escola:	Ibaiti
Núcleo Regional de Educação:	Ibaiti
Professor Orientador:	Flávio Massami Martins Ruckstadter
Instituição de Ensino Superior:	Universidade Estadual do Norte do Paraná UENP
Relação Interdisciplinar:	
Resumo:	A preservação da história local tem demonstrado ser um instrumento eficaz para o resgate da autoestima dos alunos e da comunidade, além de contribuir para a valorização da cidadania, segundo o Programa Mais Cultura na Escola (MinC, 2014). Diante disso, pretendemos iniciar um centro de memória digital da escola, que será também o primeiro centro de memória do município. O museu pode ser pensado como um espaço que preserva e educa através de seus objetos, gestos, palavras, saberes e pelas relações que nele se estabelecem. Portanto os museus falam para diferentes públicos e por meio de várias linguagens, transformando diferentes suportes em aprendizado. Neste contexto, esta proposta visa buscar estratégias para o aumento da preservação do patrimônio histórico escolar, principalmente a partir da conscientização da comunidade envolvida, justificando assim o tema “Preservação da memória escolar do Colégio Julio Farah”. Assim, propõe-se iniciar um museu digital escolar comunitário, motivando os alunos a

	perceberem o valor da memória coletiva e a utilização da tecnologia para a sua concretização.
Palavras-chave:	museu digital; escola; memória
Formato do Material Didático:	
Público:	Professores, alunos do 7º ano e grêmio estudantil.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO NORTE DO PARANÁ
CAMPUS DE JACAREZINHO
SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO EDUCACIONAL - PDE

ALINE CABRAL CALUSCI VEDAN DE AZEVEDO

UNIDADE DIDÁTICA

Museu Escolar Digital:
Preservação da memória escolar do
Colégio Estadual Julio Farah

Jacarezinho
2014

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO NORTE DO PARANÁ
CAMPUS DE JACAREZINHO
SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO EDUCACIONAL - PDE

ALINE CABRAL CALUSCI VEDAN DE AZEVEDO

UNIDADE DIDÁTICA

Museu Escolar Digital:
Preservação da memória escolar do
Colégio Estadual Julio Farah

Material Didático apresentado ao Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE da Secretaria de Estado da Educação do Paraná – SEED sob a orientação do Dr. Flávio Massami Martins Ruckstadter

Jacarezinho
2014

APRESENTAÇÃO

A presente Produção Didática Pedagógica faz parte do Programa de desenvolvimento Educacional do Estado do Paraná – PDE, como cumprimento de atividade obrigatória na produção de Unidade Didática, visando a organização de sua intervenção na Escola, a ser realizada no ano de 2015.

Com o avanço tecnológico e a democratização do acesso à Internet, as formas de comunicação e de interação entre as pessoas e as instituições se reformularam. A escola não deve estar alheia a essas novas formas de comunicação. Sua renovação e seus dispositivos de ensino/aprendizagem possibilitam um maior envolvimento dos alunos na sua própria construção de conhecimento. Cremos que a utilização de tecnologias, que são atualmente a grande referência cultural do aluno, poderá contribuir notavelmente para captar o seu entusiasmo em torno a sua aprendizagem.

Com o propósito de contribuir para a valorização da cidadania, pretendemos iniciar um centro de memória digital dentro da escola, bem como o primeiro centro de memória do município.

Ao verificar a ausência de preservação cultural histórica no município de Ibaiti, principalmente no local onde a Escola Julio Farah está inserida, justifica-se um trabalho com o tema **"Preservação da memória escolar do Colégio Julio Farah".** Esta proposta visa buscar estratégias para o aumento da preservação do patrimônio histórico escolar, principalmente a partir da conscientização da comunidade envolvida. Assim, propõe-se iniciar um museu digital escolar comunitário, motivando os alunos a perceberem o valor da memória coletiva e a utilização da tecnologia para sua concretização.

Neste sentido, procuramos a construção de um Museu Digital Escolar, através de fotografias arrecadadas pelos alunos do 7º ano C, tornando o projeto dinâmico e transdisciplinar, que nos permita auxiliar no resgate da autoestima do educando, da comunidade escolar, na valorização da memória escolar contada através de imagens coletada na comunidade e assim contribuir no processo de ensino aprendizagem.

O ensino de História, segundo as Diretrizes Curriculares Estaduais (PARANÁ, 2008, p. 38), busca suscitar reflexões a respeito de aspectos políticos, econômicos, culturais, sociais, e das relações entre o ensino da disciplina e a produção do conhecimento histórico. É necessário pensarmos na História, enquanto conhecimento, como elemento fundamental para a compreensão social; por isso, desempenha papel relevante na formação da cidadania, possibilitando uma visão reflexiva. Portanto, devemos incentivar o educando a uma análise crítica do nosso modo de pensar de viver e também de outros povos, buscando contextualizar o estudo da história, englobando várias culturas e desenvolvendo a visão crítica o espírito social e politicamente participativo.

Acreditamos que a utilização das tecnologias digitais traz novas perspectivas ao estímulo às parcerias entre escolas e iniciativas culturais.

> A educação é hoje unanimemente considerada um dos principais veículos de socialização e de promoção do desenvolvimento individual. Inserindo-se num contexto histórico, social e cultural mais amplo, os sistemas educativos acabam por ilustrar os valores que orientam a sociedade e que esta quer transmitir. É neste sentido que se pode falar, globalmente, de uma cultura, que se cria e preserva através da comunicação e cooperação entre indivíduos em sociedade e, especificamente, numa cultura escolar, isto é, num conjunto de aspectos, transversais, que caracterizam a escola como instituição. (CARVALHO, 2014, p. 02)

A aprendizagem histórica deve ser entendida como resultado de investigação e sistematização de análise e reflexão às múltiplas visões de mundo em relação aos processos históricos. A compreensão desses processos históricos deve promover a consciência histórica, na medida em que articula a compreensão, pelos sujeitos, do processo histórico relativo às relações de temporalidades, tais como as permanências, mudanças, simultaneidades, transformações e rupturas de modelos culturais e da vida social em sua complexidade. (PARANÁ, 2008, p. 57-60)

Cabe ao professor a orientação do trabalho pedagógico, onde a aprendizagem histórica deve integrar os diversos estudos sobre as relações estabelecidas entre o presente e o passado, entre o local, o regional, o nacional e o mundial. Assim, a proposta é de que:

> Problematizar o conhecimento histórico "significa em primeiro lugar partir do pressuposto de que ensinar História é construir um diálogo entre o presente e o passado, e não reproduzir conhecimentos neutros e acabados sobre fatos que ocorreram em outras sociedades e outras épocas" (CAINELLI & SCHMIDT, 2004, p. 52)

Ao trabalhar com vestígios na aula de História, é indispensável ir além dos documentos escritos, trabalhando com os iconográficos, os registros orais, os testemunhos de história local, além de documentos contemporâneos, como: fotografia, cinema, quadrinhos, literatura e informática. Estes documentos em sala de aula visam desenvolver a autonomia intelectual adequada, que permita ao aluno realizar análises críticas da sociedade por meio de uma consciência histórica, percebendo assim sua história a partir das experiências de vida do outro ao longo do processo histórico, seja em outras temporalidades, seja em outros espaços. ((DCEs, 2008, p.69).

O ensino de história deve ultrapassar os limites de sala de aula à procura de desenvolver juntos aos alunos habilidades que possibilitem uma melhor compreensão do mundo em que vive.

O trabalho com história local é uma modalidade de pesquisa vem ganhando seu espaço nas últimas décadas. Sua importância está na história elaborada com base nas realidades particulares dos locais, trabalhando com a diferença, com a multiplicidade, apresentando o que há de concreto na dinâmica social e no cotidiano, promovendo assim um ensino que ofereça ao educando a possibilidade de se tornar um agente consciente e atuante dentro da sociedade.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais, (PCNs, 1998) recomendam a inserção de história local nos currículos escolares, pois é a partir do local que o aluno começa a construir sua identidade e a se tornar membro ativo da sociedade civil, no sentido de que faz prevalecer seu direito de acesso aos bens culturais, representados aqui pelo patrimônio histórico cultural, tanto em sua forma material ou imaterial.

De acordo com esta perspectiva visamos a criação de um Museu Escolar Digital, para contribuir na preservação dos acervos educativos, resgatar e interpretar a memória escolar e da comunidade local. A organização desses acervos, bem como a pesquisa e o registro da história da

escola, além de terem o objetivo primeiro da preservação da memória e do nosso patrimônio escolar e cultural, podem proporcionar aos alunos situações para exercícios tais como: observar, separar, contar, medir, classificar, catalogar, comparar, descrever, higienizar, restaurar, acondicionar, elaborar cadastros, tabelas, relatórios, etc.

Portanto, a organização um centro de memória escolar procurando envolver a comunidade escolar do Colégio Julio Farah, principalmente nas atividades para a constituição do acervo, através da motivação e valorização da história local. Propomos também a análise e catalogação de fotografias como fontes históricas e a utilização das ferramentas tecnológicas para sua publicização. Visando oportunizar um contínuo diálogo dos saberes comunitários escolares, aproximando assim as famílias de seus alunos por meio de uma tecnologia social e estabelecendo vínculos com o patrimônio cultural local.

DESENVOLVIMENTO

Orientações Metodológicas - Professores

A produção de recursos didáticos está intimamente ligada às atividades práticas dos docentes. Estes recursos devem ser diversos e diferentes naturezas, ampliando assim o potencial interpretativo do conteúdo. O material didático não deve ficar restrito a uma possibilidade ilustrativa as aulas do professor, nem tampouco corresponder à única fonte de informação sobre determinado conteúdo, o mesmo deve ter função significativa no aprendizado de história e deve ser concebido através de uma ação conjunta entre o professor e o aluno.

De acordo com a historiadora portuguesa Isabel Barca (2000), a aprendizagem histórica se dá quando os professores e alunos investigam as ideias históricas. No processo de ensino e aprendizagem, busca-se um desenvolvimento e aprofundamento da criticidade, com o objetivo de

possibilitar a compreensão de como a história é produzida e não mais como mera acumulação de informações.

Para poder pensar de maneira mais significativa o ensino de história, faz-se necessário refletir, primeiro, sobre como o aluno constrói seu conhecimento histórico lembrando que tal conhecimento e sua apreensão estarão diretamente ligados à maneira como ele o recebe e o articula, nesse caso, por meio da escola. Adquirir conhecimento histórico implica em se ter domínio do próprio conteúdo histórico bem como na reflexão e análise das formas de como ele foi elaborado, veiculado e preservado até nossos dias.

A primeira atividade a ser desenvolvida na escola será a divulgação do Projeto Museu Digital Escolar do Colégio Julio Farah, durante a Semana Pedagógica de 2015, onde, professores, equipe pedagógica, funcionários e alunos do grêmio estudantil se encontrarão reunidos. O projeto propõe iniciar com um curso de extensão com certificado de 30 horas, pela UENP, sobre o Museologia – Conceitos, Técnicas e Práticas, ministrado pela professora PDE e coordenado pelo professor orientador. O curso objetiva a articulação dos participantes para a constituição do museu escolar comunitário, bem como para sua continuidade, baseado em metodologias socioeducativas e ferramentas da internet.

O projeto a ser desenvolvido busca sensibilizar, estimular a comunidade escolar a tornar-se agente motivador de sua localidade, através do processo de preservação da história do Colégio, utilizando-se de fotos e estendendo-se a comunidade do entorno.

CURSO DE EXTENSÃO
MUSEOLOGIA – CONCEITOS, TÉCNICAS E PRÁTICAS

Cronograma	
23/02/2015	Apresentação da proposta de trabalho e cronograma
	Modulo 1: Analisar o processo de ensino-aprendizagem baseado no diálogo entre Escola – Museu – Internet Modulo 2: Leitura e problematização do documento: **PROGRAMA NOSSA ESCOLA TEM HISTÓRIA - MUSEU DA ESCOLA PARANAENSE**
24/02/2015	Modulo 3: Estudo da Legislação para criação do Museu Modulo 4: - Vídeo: **- Museu e Escola: Educação Formal e Não-Formal** Leitura e análise do artigo: **- EDUCAÇÃO - MUSEUS – EDUCAÇÃO** Margarida Lima de Faria
25/02/2015	Modulo 5: Leitura do texto: **Utilização de Imagens** Aline Cabral Calusci Vedan de Azevedo Modulo 6: Leitura e análise do Histórico do Colégio Estadual Julio Farah.
26/02/2015	Modulo 7: Leitura e análise do artigo: **- MUSEU VIRTUAL NA ESCOLA** Ângelo Ribeiro e Bento Duarte da Silva Modulo 8: Leitura do texto: **Catalogação de Imagens** Aline Cabral Calusci Vedan de Azevedo
27/0/2015	Modulo 9: Elaboração da ficha de Catalogação Modulo 10: Aquisição e catalogação de fotografias para acervo do Museu Escolar Digital.

Objetivos

- Oferecer alguns textos e leituras necessárias como sugestão de trabalho e propostas de atividades que têm como características formação dos valores da vida social e construção de identidades, proporcionando um estreitamento entre Escola – Museu – Internet;

- Reconhecer importância da fotografia como fontes e documento histórico, sendo capaz de formular inquirições básicas sobre ela;
- Elaborar ficha catalográfica para as fotografias, visando a implementação do Museu digital.

CURSO DE EXTENSÃO
MUSEOLOGIA – CONCEITOS, TÉCNICAS E PRÁTICAS

Dia 23/02/2014

Modulo1

1. Recepção dos inscritos e apresentação da proposta de trabalho e cronograma.
2. A fala inicial deve ressaltar os objetivos das ações, discussões e atividades que ocorrerão ao longo do curso, assim como, é imprescindível a participação efetiva de todo o coletivo escolar neste processo de formação e reflexão da prática docente e na proposição de encaminhamentos que tenham o intuito de melhorar o processo de ensino-aprendizagem através de atividades significativas para organização do acervo e efetivação do Museu digital Escolar.
3. Breve abordagem e discussão sobre os conceitos de relação entre Escola -Museu – Internet.

Atividade 1

Conhecer é ter capacidade de organizar, sistematizar as informações que se relacionam e estruturam a realidade. Para isso, faz-se necessário construir o conhecimento numa relação entre professor, aluno, objeto e realidade, na busca de um caminho que leve o aluno a analisar e sintetizar esse objeto, de forma que chegue a um conhecimento mais elaborado, e não fragmentado e baseado apenas no senso comum.

Texto I:

As representações sociais são constituídas pela vivência dos alunos e professores, que adquirem conhecimentos dinâmicos provenientes de várias fontes de informações veiculadas pela comunidade e pelos meios de comunicação. Na sala de aula, os materiais didáticos e as diversas formas de comunicação escolar apresentadas no processo pedagógico constituem o que se denomina saber histórico escolar.

(PCNs, BRASIL, 1998, p.29)

O diálogo entre a escola e o museu permite a socialização de práticas e descobertas onde o princípio fundamental é a abertura ao novo, ao diferente e principalmente a visualização e materialização do passado, promovendo e proporcionando maior compreensão de quantos argumentos podem ser utilizados para fornecer a mesma ideia e promovendo um processo formativa, onde é vivenciado pelos alunos e professores, indicando o valor dos argumentos constituídos na interação entre sujeitos, através de questionamentos reflexivos e provocativos para uma leitura coerente dos fatos.

(PEREIRA, Escola e Museus: diálogos e práticas, 2007, p. 39)

O mais fascinante do trabalho com a Educação é a ampla possibilidade de abordagens que ele comporta. O limite deve ser o da imaginação, e a melhor imaginação é aquela que não tem limites. Embora a relação professor aluno dentro da sala de aula seja imprescindível, ela deve ser cada vez mais emparelhada com outras propostas de trabalho, capazes de motivar os aprendizes a uma prática mais atuante e participativa, já que crianças e jovens, estimulados pelos múltiplos apelos tecnológicos da modernidade, mostram-se cada vez menos dispostos a sentar-se passivamente diante do professor e dele receber o conhecimento pronto. Uma das mais importantes contribuições que o professor pode oferecer a seus alunos nestes nossos tempos é ensiná-los a procurar, a produzir e a organizar o conhecimento.

(CHALITA, Manual de trabalho em arquivos escolares, 2003, p7).

PARA REFLETIR

- *A parceria entre escolas e museus se concretiza em ação educativa.*
- *A escola e o museu devem dialogar, tendo como intermediário o educador, que nesse processo deverá questionar papel do museu, suas múltiplas maneiras de uso e potencialidades educativas.*
- *Elas são grandes beneficiárias de ações educativas museológicas são também grandes colaboradoras dos museus.*
- *A organização desses acervos, bem como a pesquisa e o registro da história da escola, além de terem o objetivo primeiro da preservação da memória e do nosso patrimônio cultural, podem proporcionar aos alunos situações para exercícios tais como: observar, separar, contar, classificar, catalogar, comparar, descrever, higienizar, restaurar, acondicionar, elaborar cadastros, relatórios, etc, atividades que fazem parte das abordagens científicas e podem ser apropriadas, segundo sua natureza, pelas diferentes disciplinas do currículo.*

Modulo2

Ao analisar a ação educativa escola-museu devemos considerar o professor como sujeito do processo educativo e assim criar atividades interativas que possibilitem o redirecionamento da compreensão, para maiores esclarecimentos sugere-se o estudo do seguinte documento: ***Programa nossa Escola tem história – Museu da Escola Paranaense***[1].

Atividade 2

1. Neste momento, a turma será dividia em 3 grupos para realizar a leitura e análise do documento ***Programa nossa Escola tem história – Museu da Escola Paranaense*** para posterior discussão. (No momento da realização

---

1 http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/pdf/programamuseudaescola_pdf.pdf

da atividade, sejam disponibilizadas cópias do documento para cada grupo).

2. Após a leitura, cada grupo deve anotar as características importantes a serem compartilhadas com o grande grupo.

3. Plenária das discussões dos grupos. Esta atividade consiste em socializar com todos os participantes o estudo e as reflexões realizadas.

CURSO DE EXTENSÃO

MUSEOLOGIA – CONCEITOS, TÉCNICAS E PRÁTICAS

Dia 24/02/2014

Modulo 3

Apresenta-se para leitura e discussão do coletivo, a Lei nº 11.904[2] de 14 de janeiro de 2009, que institui o Estatuto de Museus e dá outras providências, para que assim se efetive os procedimentos para criação do Museu Escolar Digital.

Atividade 3

1. Os encaminhamentos dessa atividade consistem em:
   - Conhecer a Lei nº 11.904 de 14 de janeiro de 2009 que institui o Estatuto de Museus
   - Esclarecer possíveis dúvidas relacionadas à leitura.
   - Discutir as medidas a serem realizadas para a criação do Museu Escolar Digital.

[2] http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L11904.htm

Modulo 4

Este modulo prevê para o coletivo, e trechos da série da **Museu e Escola: Educação Formal e Não-Formal**[3] e a leitura e debate do artigo **Educação – Museu - Educação**[4] (Faria, Margarida Lima de, 2000**,** visando entendimento sobre cooperação entre a *escola* e o *museu* ajudando cada uma das instituições a sair do seu próprio isolamento em relação ao mundo, contando assim com os meios de comunicação social, a Internet.

Atividade 4

1. Os encaminhamentos dessa atividade consistem em:
   - Assistir alguns trecho selecionados da série "Museu e Escola: Educação Formal e Não-Formal", apontando relação entre a escola e o museu, tendo como interesse valorizar as propostas de educação museal
   - Conhecer a introdução histórica do museu-escola e sua trajetória como instituição produtora fundamentalmente de formação e informação e sua necessidade de desenvolver ações pedagógicas;
   - Analisar os Estudos de avaliação da eficácia educacional dos Museus;
   - Discutir "O caso Português" baseando-se nos seguintes enfrentamentos: que tipo de museus a promover, criação de museus locais, o sentido civilizacional e de educação para a cidadania.
   - Debater problemas relacionados com a ação educativa dos museus e como a "cooperação" poderia revelar-se de grande utilidade para o estabelecimento de um diálogo entre professores e conservadores de museus, ou seja do museu e a escola;

---

[3] http://www.topgyn.com.br/escolanatv/index.php/permalink/4139.html
[4] http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/2011/historia/6faria_artigo.pdf

- Questionar as perspectivas futuras dos educadores e dos conservadores no Museu;

PARA REFLETIR

Dinâmica

⇨ Dividir a turma em 6 grupos para realizar a análise dos seguintes temas para a finalização do estudo do artigo **EDUCAÇÃO - MUSEUS – EDUCAÇÃO:**

1. Olhar para o exterior
2. Reflexão crítica e contínua.
3. Uma escola e um museu que aceitam a sua mútua transformação.
4. Uma concepção multicultural do mundo envolvente.
5. Educação para uma cidadania consciente e tolerante.
6. Um projeto potencialmente criativo.

⇨ Socializar com o coletivo o estudo e as reflexões realizadas em cada grupo.

CURSO DE EXTENSÃO
MUSEOLOGIA – CONCEITOS, TÉCNICAS E PRÁTICAS

Dia 25/02/2014

Modulo 5

A utilização da imagem em sala de aula de ser significativa, deve ter intencionalidade, é necessário ter qualidade. É preciso, também, se perguntar: o uso que faço desse instrumento, realmente auxilia o meu aluno nesse processo? Ele realmente apreende conteúdo e conhecimento? De que maneira as imagens que passam por nossos olhos nos afetam ou refletem aspectos da sociedade em que vivemos?

Baseando-se nestes questionamentos apresenta-se para leitura e discussão do coletivo o texto do anexo1: **Utilização de Imagens** Este texto

serve de subsídio para a discussão proposta, que é a utilização de imagens, no caso desse projeto de fotografias para construção de Museu Digital Escolar.

Modulo 6

As reflexões propostas neste momento têm o objetivo conhecer a história do Colégio Julio Farah, através do Histórico da Escola retirado Projeto Político Pedagógico (anexo 2) e lançar uma campanha de arrecadação de fotografias do colégio para assim iniciarmos os trabalhos de catalogação para a efetivação do Museu Digital Escolar – Colégio Julio Farah.

CURSO DE EXTENSÃO
MUSEOLOGIA – CONCEITOS, TÉCNICAS E PRÁTICAS

Dia 26/02/2014

Modulo 7

Neste modulo 7 todos os participantes devem ler o artigo – **Museu Virtual na Escola[5].** As reflexões propostas no artigo têm o objetivo de aprofundar os conhecimentos referente ao museu virtual discutir e sua importância como ferramenta pedagógica na escola.

Projeção da exposição fotográfica "Olhares sobre as Instituições Escolares[6]: memória, patrimônio e educação do Norte Pioneiro". A mostra,

---

[5] https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/9971/1/Museu%20Virtual%20na%20Escola.pdf

[6] http://projac.com.br/noticias/educacao-cultura-e-arte/museu-de-jacarezinho-recebe-exposicao-fotografica.htm

organizada pelos doutores Flávio Ruckstadter e Vanessa Ruckstadter e por alunos dos cursos de História e Pedagogia, da Universidade Estadual do Norte do Paraná, fez parte da programação da XXVI Semana de História da UENP. Com entrada franca, as raras fotografias ficaram expostas no Museu do Bispado, em Jacarezinho, até o dia 10 de outubro.

Modulo 8

O módulo 8 consiste em socializar com todos os participantes as reflexões realizadas até o momento, através da mediação dos estudos e apresentar para leitura o texto do anexo 3 - **Catalogação de Imagens.** O objetivo é fundamentar teoricamente o processo de aquisição e catalogação de imagens para o acervo do Museu Escolar Digital e sugestões de trabalho e propostas de atividades e principalmente técnicas de manipulação, conservação e catalogação do acervo.

CURSO DE EXTENSÃO
MUSEOLOGIA – CONCEITOS, TÉCNICAS E PRÁTICAS

Dia 27/02/2014

Modulo 9

Partindo das orientações e reflexões apresentadas no módulo 8 apresentamos nesse momento uma atividade prática, a ser desenvolvida em

grupo. Cada grupo deve retomar a leitura do texto do anexo 3 verificando as possibilidades de elaboração da ficha de catalogação fotográfica.

Atividade 5

1- A atividade 5 deverá ocorrer no laboratório de informática, visando a produção de uma ficha de identificação.

   Os encaminhamentos dessa atividade consistem em:

   - Separar os participantes em grupos;
   - Retomar as discussões e o estudo da temática "Aquisição e catalogação de fotografias para acervo do Museu Escolar Digital", através dos textos do anexo 5;
   - Organizar e sistematizar os apontamentos em um único documento, ou seja, elaborar uma ficha de identificação, seguido os critérios discutidos nos estudos deste Curso de Extensão.
   - Socializar as produções, para que assim possamos retomá-las, aprofundá-las ou alterá-las visando a organização final da ficha catalográfica para o Museu Digital Escolar do Colégio Estadual Julio Farah.

Modulo 10

Para esse momento de finalização do Curso de Extensão Museologia – Conceitos, técnicas e Práticas, o módulo 10 prevê a arrecadação das fotografias solicitadas no início para o estudo dos vestígios do cotidiano, da memória individual e coletiva.

Atividade 6

1- Os encaminhamentos dessa atividade consistem em:

- Elaborar critério de seleção de imagens, partindo do pressuposto de que para a constituição de um centro de memória escolar é necessário compreender sua história e que é preciso atentar para três questões essenciais:
  a) Qual documentação pretende-se recolher?
  b) Onde guardar? Ou seja definir o "lugar" de guarda;
  c) Como envolver a comunidade escolar nesse trabalho?

- Sugerir a formação de grupos para a catalogação e sugestão de legendas para as fotografias adquiridas pelos integrantes dos grupos.

Orientações Metodológicas - Alunos

Material Didático

Querido aluno!!!
Você está convidado a participar da elaboração de um projeto inovador em sua escola.
Iremos aprender e ajudar a construir o histórico de nosso amado Colégio Julio Farah, através de texto e fotografias do cotidiano escolar.
Falaremos também de patrimônio cultural e principalmente de museu escolar.
Faremos viagens a alguns museus históricos e a museus virtuais.
Finalizaremos esse projeto com o lançamento do
MUSEU DIGITAL ESCOLAR DO
COLÉGIO ESTADUAL JULIO FARAH !
Então vamos lá, embarque e aperte os cintos, pois a viagem ao passado começa agora!!!

"Memória e imagem"

Professor (a):
A dinâmica aqui citada tem por objetivo motivar dos alunos e refletirmos quanto a memória e interpretação de imagens!

O processo de ensino e aprendizagem busca um desenvolvimento e aprofundamento da criticidade, com o objetivo de possibilitar a compreensão de como a história é produzida e veiculada.

Um dos maiores desafios encontrados pelo professor de História é demostrar ao aluno o quanto sua disciplina é essencial para sua formação enquanto cidadão. Quem nunca se deparou com a frase: a história é a ciência que estuda o passado para melhor compreender o presente, talvez na tentativa de não cometer os mesmos erros do passado no futuro. O historiador deve entender que não é possível recuperar o passado tal como aconteceu e que o trabalho com as fontes documentais, busca uma aproximação do real e que o mesmo deve estar baseado numa ponte entre o passado e o presente.

Marc Bloch (2001, p. 79) reforça que o passado é por definição um dado que nada mais modificará. Porém, o conhecimento do passado é uma coisa em progresso, que incessantemente se transforma e aperfeiçoa.

O processo de construção do conhecimento histórico não é um dado pronto e acabado. Constantemente, novas questões do presente dão vida a novas interpretações sobre o passado. É necessário que o pesquisador tenha cuidado e seriedade tanto no trato com as fontes e com a história, como com o método de pesquisa a ser adotado. Ao contrário do que os positivistas afirmavam, as fontes não falam por si, elas são uma "construção do pesquisador" e de posse desses documentos, o historiador deverá saber interrogá-los, fazendo-os falar. (ORSO, 2013, p. 43).

A memória pode ser conservada através de imagens, fotografias, desenhos, documentos, objetos e a lembrança de fatos consideráveis sobre algum acontecimento. Atividade a seguir estimula e indaga sobre a função e prática cultural da memória e das fotografias, que nos tende a mostrar "novos olhares" sobre o objeto a ser trabalhado.

Atividade 1

Alunos observem as seguintes imagens[7] do ambiente escolar:

Reconstituição de uma sala de aula padrão na década de 1920.

Caneta Tinteiro

Palmatória

Para a realização desta atividade vamos dividir a sala em três grupos; onde cada grupo receberá uma imagem e este roteiro e questões, com diversos questionamentos devem ser feitos quando se analisa um objeto iconográfico, procurando identificar suas condições de produção:

---

7 /http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2012/02/02/interna_gerais,275658/museu-da-escola-e-inaugurado-na-capital.shtml/

VAMOS ANALISAR A IMAGEM

Professor (a): Ao termino do questionário fazer a socialização das imagens e da resposta para que assim possamos iniciar a construção de um texto coletivo sobre "Memória e sua importância para História".

Roteiro de questões:

1) O que você está vendo?

_____

2) Reconhece este objeto? Onde este objeto foi encontrado?

_____

3) Por quem foi elaborado? Onde? Quando?

_____

4) Por que e/ou para quem foi feito?

_____

5) Qual a função deste objeto?

_____

6) Possui título? Qual?

_____

7) Existem pessoas retratadas? Quem são? Como se vestem? Como se portam? Percebe-se hierarquia na representação?

_____

8) Qual é o material utilizado?

_____

9) Qual sua importância para a sociedade que o fez?

_____

10) Atualmente você reconhece este objeto em seu cotidiano?

_____

11) Você utilizaria este objeto em sua vida? Por que?

_____

12) Onde se encontra o objeto atualmente?

_____

Agora vamos conhecer o material do Chico Memória.

Disponível:http://www.patrimoniocultural.pr.gov.br/arquivos/File/EDUCACAO/ChicoMemoria.pps

"Fontes históricas "

Professor (a):
A atividade a ser desenvolvida visa:
- reconhecer a importância das fontes históricas para a construção do conhecimento;
- valorizar o trabalho de investigação, conservação e organização de um arquivo escolar para a preservação da memória e do patrimônio histórico.

As atividades a serem desenvolvidas nesta aula objetivam nortear o estudo sobre a importância das fontes para a escrita da história. Para serem adequadamente iniciados nas habilidades necessárias ao trabalho de investigação científica, é desejável e importante que os estudantes tenham contato com documentos históricos, que saibam diferencia-los.

O ensino de História possui objetivos específicos, sendo um dos mais relevantes o que se relaciona à constituição da noção de identidade. Assim, é primordial que o ensino de História estabeleça relações entre identidades individuais, sociais e coletivas, entre as quais as que se constituem como nacionais (PCNs, 1998)

Na investigação educacional, há emergência de novas fontes, tais como a fotografia, o material escolar, diários íntimos, livro de registro de presença, fontes orais, ao lado de produtos culturais como a literatura e a imprensa pedagógica. Essas e outras como jornais, semanários e revistas, livros didáticos, imagens de filmes também auxiliam o trabalho do historiador da educação.

Uma das mais importantes contribuições que o professor pode oferecer a seus alunos nestes nossos tempos é ensiná-los a procurar, a produzir e a organizar o conhecimento. Portanto, a proposta a ser trabalhada é a de transformar estudantes em “historiadores da sua comunidade”, para isso o trabalho material com o arquivo dos documentos será de grande importância.

Atividade 2

Para começo de conversa!!!

O que são fontes históricas?

O que é documento?

Para que servem os documentos?

Que tipo de documento você conhece?

Imagem é um documento? Por quê?

Após refletirmos sobre o que é um documento, uma imagem e sua importância veremos a seguir o texto Documento e Arquivos sobre como formar arquivos.

Documento & Arquivos

Durante nossa vida, produzimos e guardamos uma série de documentos que passam a fazer parte de nossos próprios arquivos. Esses arquivos recebem o nome de arquivos pessoais. Mas... o que são documentos? Quando abrimos uma conta bancária ou nos matriculamos em um curso, necessitamos apresentar nossos documentos: RG, CPF, certidão de nascimento, título de eleitor, etc. Esses e outros documentos servem para atestar nossos deveres e garantir nossos direitos.

Para os historiadores, tudo aquilo que servir como registro de informações históricas também é considerado documento: um decreto, uma carta, uma fotografia, um diário, um caderno, uma cadeira, etc. Da mesma maneira, as instituições produzem uma vasta documentação, que forma os arquivos de partidos políticos, de empresas, de bancos, de universidades, de associações religiosas, e também de escolas.

A escola é uma instituição social que deve promover situações de aprendizado que permanecem por toda a vida.

A preservação do patrimônio histórico e cultural das escolas está cada vez mais presente no debate e nas ações de instituições públicas e privadas. Essa postura tem contribuído para a (re)descoberta de nossa história institucional, fortalecendo os vínculos e a identidade da sociedade em que vivemos com as instituições as quais pertencemos.

Os arquivos escolares são os mantenedores de uma história institucional. Do ponto de vista administrativo, devem estar prontos a subsidiar tarefas diárias da administração escolar; do ponto de vista histórico, podem suprir nossa necessidade de informação, registrar a trajetória de uma instituição, e ainda, contribuir para o desenvolvimento de atividades pedagógicas e culturais da comunidade escolar.

Estimular a participação da comunidade escolar na recuperação e na preservação do patrimônio das escolas é importante para conscientização e valorização da histórica local.

Agora é com você !!!

O QUE É PATRIMÔNIO HISTÓRICO?
O QUE PRESERVAR?
POR QUE PRESERVAR?
COMO PRESERVAR?

É importante conhecer a história de nossas escolas para saber em que contexto elas foram criadas, como foram organizadas, quais têm sido as comemorações promovidas, os campeonatos disputados, quem foram seus diretores, etc. Mas... como podemos aprender sobre a história de nossas escolas se essa história não está escrita nos livros?

Podemos aprender mais sobre a história de nossas escolas conversando com os funcionários mais antigos, com os professores ou com os alunos mais velhos, ou até, quem sabe, entrevistando o Diretor.

Há ainda outra maneira de conhecer essa história: através dos documentos históricos. Os documentos são importantes porque registram o

dia-a-dia das atividades da escola; são "pistas" para se compreender, por exemplo, como é sua estrutura, a que tipo de público atende.

Os arquivos escolares são constituídos pelo conjunto de documentos produzidos e recebidos em decorrência das atividades diárias de professores, funcionários, alunos, pais de alunos e todos aqueles que de alguma forma participam do funcionamento da escola. Entre os documentos escolares, podemos citar: prontuários de alunos, cartilhas, discos de histórias infantis, trabalhos feitos pelos próprios alunos, etc. Todos esses documentos tem alguma informação sobre a história da escola.

Agora é com você !!!

- Você acha importante guardar que tipos de documentos para organizar a sua história?
- Seu colégio tem um arquivo histórico?
- De que maneira o arquivo histórico de um colégio relaciona com a sua vida, de sua família, do seu bairro ou do seu município?

O passo a passo para a organização de um arquivo escolar

Com o passar do tempo, os documentos tendem a envelhecer e a se deteriorar, e a maioria acaba indo parar no lixo; consequentemente, algumas informações históricas se perdem para sempre. Para que isso não aconteça, é necessário tomar alguns cuidados importantes com esses documentos, como a organização de arquivos para acondicioná-los.

Os arquivistas são especialistas em cuidar de arquivos, mas este trabalho não compete somente a ele; o cuidado com a documentação histórica cabe a todos nós zelar pela sua conservação. Por isso, colabore sempre para

preservar o patrimônio de sua escola: carteiras, lousas, livros e demais bens pertencem a todos e servem como documento de nossa própria história.

Você já deve ter percebido que os acervos ou arquivos escolares podem reunir uma grande variedade de documentos nos mais diversos materiais: papel, madeira, isopor, vidro, tecido, gesso, acrílico, etc. Os arquivistas dão o nome a esses objetos de suporte ao material sobre o qual as informações são registradas. Assim, podemos considerar como documento histórico tanto uma cadeira em madeira do século XIX, como um uniforme escolar, como uma fotografia de um evento escolar, ou os trabalhos em papel feitas pelos alunos nas aulas de Arte. Podemos perceber, então, que documento não é somente aquilo que é registrado em papel. Assim como há vários tipos de suporte, também devemos lembrar que os documentos podem pertencer a vários gêneros: áudio, cinematografia, iconografia, multimídia e texto. Nesse sentido, os arquivos escolares guardam uma especificidade que os diferencia da maioria dos arquivos institucionais nos quais normalmente encontramos exemplares únicos de documentos manuscritos, impressos e audiovisuais.

Para acondicionar estes diversos documentos é necessário organizar um arquivo escolar. O primeiro passo deve se determinar um local seguro, livre das goteiras de chuva, da umidade ou do calor em excesso. Esses fatores climáticos podem trazer sérios prejuízos à documentação, já que são responsáveis, inclusive, pelo desenvolvimento de microrganismos, insetos e roedores que costumam atacar os documentos.

Com o decorrer do tempo os documentos vão se deteriorando, devido à ação de microrganismos, do clima, de insetos, de roedores, etc. Portanto, para preservação dos mesmos algumas atividades para conservação são importantes.

A higienização é uma etapa muito importante do processamento técnico, pois além de se preocupar com a conservação do documento, emprega procedimentos destinados a proteger a saúde daqueles que terão contato com a documentação. Para realizá-la, o técnico deve se prevenir usando máscaras, luvas, toucas, aventais e óculos de proteção.

A higienização manual é feita com escovas, pincéis, flanelas, pinças, borracha, cotonetes, etc. Primeiramente, retire os materiais oxidantes

(grampos, clipes, alfinetes). A seguir, limpe com um pincel a superfície do documento, fazendo movimentos suaves na direção contrária ao seu corpo. Repare que o pó e o mofo normalmente não se acumulam de maneira uniforme na superfície, mas deixam manchas desiguais. Nesses casos, troque de pincel se for necessário e limpe com maior cuidado cada concentração de sujeira.

A higienização química pode ser feita em fotografias, fitas, materiais de couro, madeira, metal, vinil, etc. Solventes especiais podem ser utilizados para remover restos de cola, fitas adesivas, etiquetas, excrementos de insetos, etc. Recomenda-se fazer um teste antes de utilizar produtos químicos sobre os documentos.

Após higienizados, os documentos já estão prontos para serem acondicionados. Cada suporte requer um acondicionamento apropriado: caixas de arquivo, pastas de papelão, pastas de polionda, envelopes de papel com PH neutro, plásticos de poliéster ou polipropileno (para fotografias), etc. Recomenda-se, também, intercalar documentos em folhas de papel neutro antes de acondicioná-los. Ao guardar documentos de papel, não sobrecarregue demais a embalagem; deixe um espaço de aproximadamente dois dedos entre os documentos e a tampa da caixa, já que, devido às mudanças de a temperatura, as fibras do papel sofrem alterações. Os documentos nunca devem ser dobrados ou enrolados. Se necessário, confeccione pastas, envelopes e caixas do tamanho que julgar adequado. Não se esqueça de identificar a embalagem.

Alunos(as):

Agora que nós já aprendemos o que é documento, o que é um arquivo, vimos que nossa escola tem uma riquíssima documentação que precisa ser preservada, e definimos uma série de normas para orientar os procedimentos daqueles que irão trabalhar no arquivo, devemos realizar um trabalho de processamento técnico, em que uma série de tarefas serão necessárias para organizar, preservar e disponibilizar nossos documentos para os consulentes.

Então... mãos à obra!

Fica a Dica

Visite o Blog Revelando a Memória na medida da necessidade. Disponível em: http://ronelcorsi.blogspot.com.br/.

Espaços de Memórias nas Escolas

Professor (a):
A atividade a ser desenvolvida visa a preservação da memória nos diversos âmbitos: escolar, local e etc.

Resgatar a história da escola não é apenas para preservar a memória, mas também para estimular a iniciação ao conhecimento científico, o desenvolvimento do pensamento formal, a valorização da memória, o desenvolvimento de uma consciência histórica acerca da realidade, o fortalecimento da identidade e da autoestima. As instituições escolares geram importantes documentos e diversas formas de acervos escolares, mas ainda pode-se dizer que esses documentos têm sido pouco utilizados como fonte histórica.

> As escolas, para encontrarem a sua verdadeira identidade, devem se transformar em centro de investigação, buscando as suas soluções próprias, contextualizando todas as suas dimensões, interagindo social e comunitariamente. A história das instituições educacionais é facilitada quando a escola mantém o seu arquivo histórico organizado, em funcionamento. (PEREIRA, 2007, p.88).

O conhecimento da história da escola estimulará a avaliação do passado e do presente, levando a comunidade escolar a se reconhecer como parte da existência da escola, além de perceber o quanto conhece e valoriza o patrimônio escolar e, finalmente, o quanto se dispõe a contribuir para preservá-lo.

Por exercerem múnus público, as escolas estão obrigadas a preservarem seus arquivos. Os arquivos das escolas públicas ficam nestas ou, após algum tempo, os seus conjuntos documentais permanentes são confiados a arquivo público, ou até mesmo descartados após o tempo estipulado a cada tipo de documentação. Esta documentação escolar pode ter função informativa para administração pública, como informações da evolução da oferta do número de vagas, evasão escolar, etc., mas, os documentos escolares têm também valor histórico-cultural. Onde, tais documentos são fontes para a representação da memória, e apresentam múltiplas possibilidades de pesquisa científica.

Atividade 3

Desafio

Vamos Explorar a História do Colégio Julio Farah

Pergunte aos seus familiares:

Como, quando e por que foi criado o Colégio Julio Farah?

Que mudanças físicas ele sofre ao longo de sua existência?

Seus pais, irmãos e familiares passaram por esse Colégio?

Qual a contribuição do Colégio para esta comunidade?

Vamos confirmar as informações trazidas com a nossa atividade de "desafio" com a leitura do histórico do Colégio (anexo2).

Durante a leitura iremos elaborar um roteiro de questões para entrevistar a professora Maria Dolores Martinez Dib, primeira diretora de nosso Colégio, que nos fará uma visita para falar sobre a fundação e a história do Colégio Julio Farah.

Museu - Escola

Os museus são ambientes culturais e educativos. Pretendem educar por meio da sensibilização e cultivam a comunicação e produção de significados a partir de seus objetos, exposições, propostas educativas e outras. (Pereira, 2007, p. 11)

Professor (a):
Os alunos devem participar das discussões, levantar as primeiras pesquisas sobre os temas, fazerem uma prévia de conhecimentos, a fim de orientá-los, prepará-los para o passeio e aguçar a curiosidade sobre o assunto.

Também por meio dessa ação docente consciente de seu significado cultural, a escola pode se configurar em lugar de valor, pois ela é fundamentalmente um lugar de patrimônio. Nessa perspectiva, o território em que se inserem escola e museu é visto como ambiente cultural a ser

compreendido, marcado por práticas, saberes, fazeres e manifestações, todos plenos de significados e valores para as suas comunidades. Ao assumir essa inserção sociocultural e patrimonial, o professor passa a sinalizar a si mesmo, e aos outros profissionais, aos alunos e à comunidade escolar o significado de sua ação, que compreende e incorpora o valor formativo dessa atuação sociocultural e política, ao mesmo tempo em que cultiva os atributos fundamentais da valorização da memória cultural - na escola e a partir dela.

Atividade 4

Agora é com você !!!

Vamos Explorar seus conhecimentos sobre Museus

Você sabe o que é um Museu?

Já visitou algum Museus? Qual sua sensação?

Você acha importante visitar um Museu? Por quê?

Agora que já sabemos o que vocês acham sobre os Museus vamos assistir alguns documentários referente a esse tema.

Para iniciar veremos trechos a série Museus e Escola da TV Escola e o vídeo: Museus desempenham papel fundamental na educação e cultura do Brasil da TVNBR.

Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=_i_XAYaMeyE
https://www.youtube.com/watch?v=BlMmOSylHSg&index=62&list=PLD14820A6C7F56BD2

Agora que você entende qual o objetivo de um Museu e sua dimensão histórica, social e cultural. Vamos assistir o vídeo do Museu da Pessoa que demonstra a dinâmica do museu atual e logo após, dois depoimentos selecionados para vocês.

Na sequência iremos ao laboratório de informática para que vocês possam explorar essa fonte de pesquisa interativa, que é o Museu da Pessoa.

Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=gy_pxfUo2JY

http://www.youtube.com/watch?v=Cmf0vk8XR-q

http://www.youtube.com/watch?v=v7p_mcyrIEU

Então vamos lá!!!
Você está convidado a participar deste Museu, ajude a divulgar.
Participe, deixe sua contribuição!!!!

Visita ao Museu

Professor (a):
Em diálogo com a educadora do museu, o aluno pôde descobrir que, além da veiculação da informação - que é uma das finalidades do museu - há também a possibilidade de produção do conhecimento e aprimoramento das formas de interpretação da realidade histórica pelos objetos, com eles e por meio deles.

Os museus são instituições sociais, culturais, patrimoniais, comunicativas e educadoras. Ele incita aos visitantes à descoberta e a interpretação sobre o passado, permitindo assim aos visitantes formas diversas de ver e promover a relação presente-passado.

A relação do museu com seus objetos convida o visitante a ser um viajante do presente no passado, instigando-o a revisitar o seu próprio tempo, lugares, paisagens e expressões de outras, culturas e sociedades.

O aluno inicialmente prevê o uso do museu como uma atividade praticamente ilustrativa. A proposta didática para o trabalho em Museus prevê que os professores explorem o mesmo de maneira interativa, dialógica e reflexiva com seus alunos, tirando-os de uma postura passiva e tornando sujeitos autônomos capaz de potencializar sua função educativa.

Para que a visita ao museu tenha significado deve-se haver relação entre o conteúdo e a exposição. Os alunos devem ter um conhecimento prévio do tema da exposição e utilizar-se de questionários ou relatórios para que a atividade de retorno a escola possibilite a produção do conhecimento. O

professor e a escola devem se estruturar, observando com bastante critério os objetivos da instituição, as intenções do educar, o que quer desenvolver, que tipo de formação almeja para seus alunos e também para a comunidade.

Levar essas discussões para a sala de aula é uma forma de conscientizar os alunos do processo educativo que estarão sujeitos, dando um direcionamento para os mesmos do trabalho que será desenvolvido, bem como dos objetivos a serem alcançados.

Perguntas como o que tem num museu, que aspectos podem ser observados, qual a importância dos mesmos para a formação, como era a época vivida, enfim muitas riquezas podem e devem ser aproveitadas.

Os alunos devem participar das discussões, levantar as primeiras pesquisas, realizarem uma prévia de conhecimentos sobre o projeto, a fim de orientá-los, prepará-los para o passeio e aguçar a curiosidade sobre o assunto. Dessa forma, não chegam ao local sem terem a mínima noção do que poderão aproveitar, conhecer e aprender.

Em sala, devem fazer um roteiro sobre os aspectos mais importantes da visita, algumas perguntas podem ser formuladas para serem feitas para os guias, a fim de dar maior direção e riqueza às informações recebidas. Além disso, devem lembrar dos objetivos do projeto, o que querem descobrir, onde pretendem chegar com os conhecimentos da visita ao museu.

Explorar a experiência de estar frente a frente com objetos museais, analisar, comparar, interpretar e, sobretudo, sentir formas, cores, detalhes, materiais. Explorar a linguagem do museu e seus recursos, como claro e escuro, luzes, sons, disposição dos objetos, sequência de objetos e ambientações, além dos discursos das exposições. Chamar a atenção para textos de apoio, painéis explicativos e recursos multimídia. Oportunizar que os/as alunos/as façam seus roteiros perceptivos, sendo, também, sujeitos de sua visita.

Também por meio dessa ação docente, consciente de seu significado cultural, a escola pode se configurar fundamentalmente um lugar de valor e de patrimônio histórico. Nessa perspectiva, o território em que se inserem escola e museu é visto como ambiente cultural a ser compreendido, marcado por práticas, saberes, fazeres e manifestações, todos plenos de significados e valores para as suas comunidades. Ao assumir essa inserção sociocultural

e patrimonial, o professor passa a sinalizar a si mesmo, aos outros profissionais, aos alunos e à comunidade escolar o significado de sua ação, que compreende e incorpora o valor formativo dessa atuação sociocultural e política, ao mesmo tempo em que cultiva os atributos fundamentais da valorização da memória cultural - na escola e a partir dela.

Atividade 5

Convite:

Nesta etapa do projeto Museu Digital Escolar do Colégio Estadual Julio Farah convidamos você a participar da visita à diversos Museus na cidade de Curitiba.

Sugerimos a visita ao: Museu do Expedicionário, Museu Oscar Niemeyer e Museu Botânico.

Contamos com sua presença.

Para compreendermos melhor o que é o Museu em sua plenitude nada melhor do visitarmos um Museu.

A sugestão seria diversos tipos de museu para que assim você esteja preparado para contribuir na elaboração do Museu Escolar de seu colégio.

Sabemos que a visita ao museu não deve ser apenas um simples passeio e para que tenha um significado devemos ter conhecimento prévio do local a ser visitado, elaborar ficha que nos auxilie como explorar o que esses espaços oferecem para a aquisição de conhecimentos, para uma educação

dos sentidos e do olhar e para a formação de atitudes diante do outro e dos bens culturais.

Portanto, vamos dividir a sala em 3 grupos para que cada grupo pesquise sobre os museus.

Agora em plenária vamos divulgar o que cada grupo tem a informar sobre sua pesquisa.

Pronto agora já estamos preparados para iniciar nossa visita.
Algumas regras devem ser lembradas.
Vamos lá alunos!!!!

Para que tenhamos uma visita sem inconvenientes prestem atenção nas regra de convivência:

- Falar baixo no espaço do Museu;
- Evitar conversas paralelas;
- Seguir as orientações do arte-educador;
- Caminhar no ritmo do grupo;
- Manter o grupo sempre unido;
- Orientar o grupo a respeitar os limites de distância das obras e das paredes do espaço expositivo;
- Deixar todo e qualquer tipo de comida e/ou bebida no ônibus não sendo permitido lanchar nas dependências do Museu;

Professor (a):
Ao fazer uso dessa ficha, é interessante que o educador crie situações de partilha de percepções, pois as respostas provavelmente serão múltiplas e a riqueza da aplicação dessa ficha reside na possibilidade de exercício do olhar, de emergência também de diferentes formas de
olhar os objetos, atribuir valor à sua materialidade, contornos e detalhes e construir hipóteses, várias sobre sua trajetória e constituição histórica

VAMOS ANALISAR UM OBJETO DO MUSEU

Escolha um objeto de cada museu e responda:

Qual o objeto? _____

Que cor tem? _____

Que cheiro tem? _____

Que barulho faz? _____

De que material é feito? _____

O material é natural ou manufaturado? _____

O objeto está completo? _____

Foi alterado, adaptado ou consertado? _____

Está usado? _____

Onde foi feito? _____

Foi feito em uma peça única, ou em partes separadas? _____

Com uso de molde ou modelada à mão? _____

Quem o fez? _____

Para que finalidade?_____

Como foi ou é usado?_____

Museu Virtual

Professor (a):
Em diálogo com a educadora do museu, o aluno pode descobrir que, além da veiculação da informação - que é uma das finalidades do museu - há também a possibilidade de produção do conhecimento e aprimoramento das formas de interpretação da realidade histórica pelos objetos, com eles e por meio deles.

Embora a relação professor aluno dentro da sala de aula seja imprescindível, ela deve ser cada vez mais emparelhada com outras propostas de trabalho, capazes de motivar os aprendizes a uma prática mais atuante e participativa, já que crianças e jovens, estimulados pelos múltiplos apelos tecnológicos da modernidade, mostram-se cada vez menos dispostos a sentar-se passivamente diante do professor e dele receber o conhecimento pronto.

Como o avanço da tecnologia e concretamente o avanço e a democratização do acesso à Internet definiram, nos finais do século XX, novas formas de comunicação e de interação entre as pessoas e entre estas e as instituições e os museus não poderiam ficar alheios.

Conforme sustentam Oliveira e Silva (2007), em estudo sobre a relação entre os Museus e a Internet, esta “trouxe para a museologia uma nova perspectiva, um novo contexto comunicacional, não só porque permite potenciar o acesso aos museus de forma mais ampla, mas também por dar oportunidade aos museus de saírem dos seus muros”.

A nova era da tecnologia das informações é essencial inovar, rever e reconstruir o modo de promover a cultura. A era virtual para fora das paredes dos museus nos apresentou novos desafios e oportunidades de criar.

É um facto incontestável atualmente que a Internet tem revolucionado a forma como as pessoas e instituições comunicam. E isso não se passa de forma diferente na sua relação com a museologia. Os museus, como qualquer outra instituição, estão presentes na rede mundial de computadores, tendo a criação de *sites* de museus proliferado a partir da década de 90. (Silva, 2000)

Atividade 6

No laboratório de informática vamos realizar uma visita, agora virtual ao Museu Oscar Niemeyer.

ANALISANDO O MUSEU

Qual visita você achou mais interessante a física ou a virtual? Por quê?

___ _____

_____

Quais pontos positivos e negativos da visita ao Museu Virtual?

_____

_____

_____

_____

Vamos agora conhecer outros museus virtuais como:

- Museu Virtual das Invenções

  Disponível em: http://www.museudasinvencoes.com.br/
- Museu Virtual de Brasília

  Disponível em: http://www.museuvirtualbrasilia.org.br/PT/
- Museu Virtual de Ouro Preto

  Disponível em: http://www.museuvirtualdeouropreto.com.br/

Fica a Dica

No Portal Dia a Dia Educação disponibiliza os *links* da pesquisa realizada sobre Museus do Brasil e do Mundo.

Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=893

Museu Escolar

O Museu Escolar busca o cotidiano escolar através do sujeito ativo no processo educativo e na sociedade. No campo da história das instituições escolares que abrange diferentes tipos de entidades encarregadas de armazenar, preservar e organizar acervos que se constituem como repositório da memória coletiva.

As escolas, em suas atividades cotidianas, produzem diversos tipos de documentos e registros .

> Há toda uma legislação que orienta essa produção, como funcionamento, a organização e controle de suas atividades. Além disso, pode-se encontrar no arquivo escolar outros tipos de documentos que excedem a determinação legal, como fotografias, jornais produzidos pela escola, cadernos de alunos, recortes de jornais externos, e bilhetes. (GONÇALVES, 2005, p. 3).

Sendo assim há necessidade de proteção dos documentos escolares que caracterizam-se como fonte de pesquisa e suporte de informação. Nestes documentos encontram-se não só a memória individual como também a memória coletiva da educação. De um modo geral necessitamos de locais adequados e de políticas de conservação, catalogação e organização desses documentos.

Descobrir como, quando e por que foi criada a escola; que pessoas por ela passaram; que mudanças físicas sofreram ao longo de sua existência; a oferta de cursos no decorrer dos anos ou décadas; os diferentes modelos de organização de currículos e horários; os métodos e materiais pedagógicos que utilizou; a importância que teve e tem para a comunidade; esses são alguns temas que possibilitariam uma exploração da história da escola nas atividades pedagógicas. (BAEZA, 2003)

Discussões e o reconhecimento, por parte dos alunos, de sua escola como patrimônio, pelas comparações de sua escola, tanto com outras escolas atuais quanto, com as escolas em que os pais e avós estudaram conhecimentos sobre a história da escola e sobre a importância da preservação e conservação dos objetos que são expostos em um museu.

Atividade 7

"O Museu Escolar na história é uma instituição responsável não só pela guarda da memória da vida do ensino como também é instrumento facilitador da aprendizagem." (POGGIANI, 2009).

Para refletirmos este trecho sobre o Museu Escolar e entendermos sua dimensão, vamos assistir duas reportagens sobre o Museu da Escola em Minas Gerais e logo após visitaremos o site do Museu da Escola Batista.

Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=JVA6GB8UF-I

http://www.youtube.com/watch?v=sQC4FZK7rb0

http://www.museudigitalbatista.com.br/pt-br

Aquisição e catalogação das Fotografias

Uma das funções das fotografias é mostrar novos olhares sobre o objeto a ser trabalhado, considerando os conceitos inerentes, a pluralidade vivencial dos alunos, professor e comunidade escolar em que estamos inseridos e a emergência de suas contradições.

Professor (a):
Na descrição arquivista devemos manter a organicidade, não separando nem agrupando os documentos por assuntos com fazem as bibliotecas. A descrição do conteúdo depende do uso que se queira fazer do documento. O historiador da educação necessita de informações detalhadas da fotografia como: tema abordado, local, autor, pessoa nelas citadas e até mesmo seu respectivo fim.

O uso de fotografias na pesquisa histórica se intensificou a partir da renovação historiográfica trazida pela Escola dos Annales, que ampliou a noção de documento a partir de outra concepção de história, ou

seja, o acontecer histórico se faz a partir das ações humanas, destacando que o conhecimento histórico se produz com tudo que, pertencendo ao homem, serve o homem, exprime o homem, demonstra a presença, a atividade, os gostos e as maneiras de ser do homem.

> Nesse caso, ao documento escrito incorporam-se outros de natureza diversa, tais como objetos, signos, paisagens etc. A relação do historiador com o documento também se modifica. O documento já não fala por si mesmo, mas necessita de perguntas adequadas. A intencionalidade já passa a ser alvo de preocupação por parte do historiador, num duplo sentido: a intenção do agente histórico presente no documento e a intenção do agente histórico ao se acercar desse documento. (VIEIRA, PEIXOTO, KHOURY, 1989, p.15)

O emprego contemporâneo do termo “imagem” remete, na maioria das vezes, à imagem da mídia, sinônimo de televisão e publicidade. O senso comum, porém, sempre atenua e matiza essa simplificação.

É possível pensar nas imagens fotográficas. “As fotos guardadas são recordações de um tempo que se foi, mas se torna presente a cada momento quando são mostradas a alguém. O ato de mostrar estas fotos, de falar sobre elas, realiza uma forma de trabalho de construção e reconstrução do passado”. (NEIVA, 1996, p.13).

Com muita propriedade, Jacques Le Goff esclarece que "A fotografia (...) revoluciona a memória: multiplica-a e democratiza-a, dá-lhe uma precisão de uma verdade visual nunca antes atingida, permitindo assim guardar a memória do tempo e da evolução cronológica”. (1992, p. 402).

Dessa maneira, este projeto pretende contribuir para estimular a participação da comunidade escolar na recuperação e na preservação da memória e do patrimônio da escola, utilizando o acervo fotográfico já existente e a busca de novas fotografias.

Atividade 8

Para trabalhar com fotografia devemos tomar alguns cuidados. A imagem selecionada para catalogação de um acervo fotográfico escolar deve

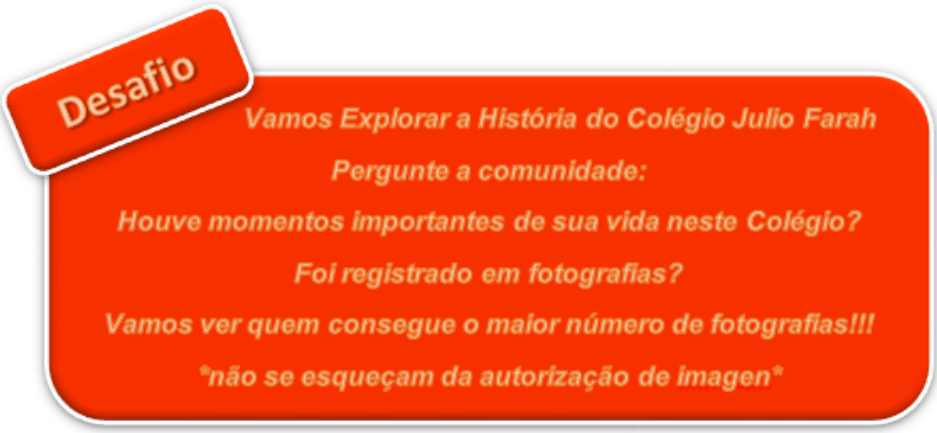
seguir os seguintes critérios:

- As fotografias devem seguir a temática “Resgate do cotidiano do Colégio Julio Farah”
- Imagens que tenham valor para acesso público ou de acervo;

-Não devem ser publicas as imagens que:

- tenham sido produzidas em contexto publicitário e comercial;
- imagens sem autorização de seu uso;
- imagens de crianças, conforme o que estabelece o Estatuto da Criança e do Adolescente;
- contenham cenas fortes (por exemplo de acidentes com vítimas);

Autorização de imagem encontra-se no anexo 4.



Ao recebermos as fotografias vamos passar agora para o momento prático de nosso projeto, seguindo todas as orientações de um arquivo escolar, iniciaremos agora a seleção e catalogação das fotografias observando os seguintes critérios:

Professor (a):
Será utilizado nesse momento a ficha catalográfica elaborada no Curso de Extensão

Para o trabalho com fotografia faz se necessário que todos os alunos estejam de luva de lã e que sigam os processos de higienização relatados no texto “O passo a passo para a organização de um arquivo escolar”

Orientações para catalogação

1. Catalogar as fotografias segundo a sequência de acontecimentos;
2. Digitalizar as fotografia, tomando os cuidados para a preservação da mesma;
3. Agrupar as fotografias com o mesmo tema para criação de álbuns;
   - O álbum deve conter fotos de mesmo interesse, exemplo: álbum dos Diretores do Colégio, ou álbum de Comemorações Realizadas pelo Grêmio Estudantil do ano de 2013.
   - Nesse processo são solicitadas informações padrão, que irão se repetir a cada imagem adicionada. Todos os álbuns compõem uma ou mais categorias, que, nada mais é, que uma classificação temática das imagens.
   - A catalogação deverá seguir o roteiro.

Roteiro

1- Categoria: Inserir a categoria na qual o álbum será inserido.

2- **Nome**: Nome do álbum. (sugere-se que o nome do álbum seja composto por palavras que remetam ao nome do evento, local e data).

3- **Descrição**: Elaborar uma pequena descrição o álbum.

4- Legenda: Resume o que a imagem representa.

5- Resumo: Descrever, com mais abrangência mas, de forma sucinta, o conteúdo da foto.

6- Local e Data: Lugar e data de onde a foto foi capturada.

7- Pessoa presente na foto: Informar as pessoas que estão presentes na foto.

8- Créditos ao Autor: Indica o responsável pela captura das imagens.

Procedimentos de acervo

1. Nomear as pastas com a mesma orientação para o nome do álbum.

2. Mensalmente, deve ser feito “backup” das pastas mantidas no computador, de forma que elas fiquem armazenadas, no computador na mídia de “backup” (CD, DVD ou HD, preferencialmente este último);

3. Na mídia de “backup” as fotos devem ser mantidas dentro de pastas que tenham o mesmo nome do álbum, devidamente guardadas em pastas com o nome da categoria, que por sua vez estarão em pastas separadas por ano.

Elaboração do Museu Digital do Colégio Julio Farah

O projeto Museu Digital do Colégio Julio Farah busca oportunizar a utilização da museologia social como instrumento de aproximação e estabelecimento do diálogo entre saberes escolares e comunitários e a integração de espaços escolares com espaços culturais, integrando na realidade escolar as potencialidades educativas do território em que a escola está inserida.

Pretende-se mostrar, também, durante a elaboração do Museu Digital, que nem tudo o que existe num museu está disponível para o público, uma vez que, em geral, a maior parte dos “objetos” ou em nosso caso “fotografias” de um museu fica guardada em lugares especiais e precisa de cuidados extras para ser conservada.

Juntamente com a elaboração do Museu Digital pretende-se criar um blog para que toda a comunidade possa participar desse momento do colégio.

Atividade 9

A elaboração de um Museu Digital deve contar com ferramentas tecnológicas que auxiliem o processo.

Para essa atividade é necessário a divisão em grupos de trabalho:

Grupo 1: Responsável por catalogar as fotografias.

Grupo 2: Responsável por digitalizar as fotografias.

Grupo 3: Organizar as fotografias do arquivo digital.

Grupo 4: Seleção do material para exposição no Museu Digital.

Todas estas atividades devem ser efetuadas mensalmente para a atualização do arquivo do Museu Digital e consequentemente do blog do Museu Digital.

Abertura do Museu Digital do Colégio Julio Farah

Atividade 10

Como atividade final serão convidados os pais e a comunidade geral ao término do primeiro semestre para a Abertura do Museu Digital do Colégio Julio Farah.

Orientações Metodológicas

Essa Unidade Didática tem o objetivo de levar os alunos e a comunidade escolar a participarem ativamente da elaboração de um Museu Digital Escolar, através da aquisição e catalogação de fotografias relacionadas a este tema.

A primeira parte desta Unidade Didática está destinada aos professores, alunos e comunidade escolar, através de um Curso de Extensão ministrado pela professora PDE e coordenado pelo Professor Orientador Dr. Flávio Massami Martins Ruckstadter.

A segunda parte está destinada aos alunos do 7º ano, do grêmio estudantil, com a participação da comunidade escolar. No decorrer desta unidade eles receberão formação para a elaboração de um Museu Digital através de diversas atividades como o trabalho com memória, imagem, fontes históricas, patrimônio cultural que objetivam nortear o estudo sobre a

importância da escrita da história. Arquivamento de documentos, resgate da histórica da escolar, diálogo entre museu e escolar também são pontos importantes trabalhados nesta unidade. O ponto culminante desta unidade serão as atividades práticas como a visita ao museu físico e virtual, a aquisição de fotografia junto à comunidade, a catalogação das mesmas para a construção do arquivo escolar e finalmente a construção do museu digital escolar.

Como vimos nesta Unidade Didática a escola e museu são vistos como ambiente cultural marcado por práticas, saberes, fazeres e manifestações, todos plenos de significados.

Os alunos podem ser sujeitos do movimento de preservação que o museu representa na sociedade. A ação educativa não se inicia na visita ao museu, mas é parte de um diálogo com os alunos, com os professores e a com a comunidade sobre a história e o passado.

Os processos de coleta e seleção das fotografias devem ocorrer de maneira dialogada com os valores que os alunos e da comunidade que atribuem a função patrimonial da mesma pôde ser mais bem compreendida.

Além de valorizar a história do Colégio, o museu objetiva contribuir para ampliar a comunicação entre os diferentes patrimônios existentes na cidade, favorecendo o exercício da cidadania e a participação das comunidades no processo de apropriação do patrimônio cultural local.

O projeto rompe com a concepção corrente de acervo museológico em que normalmente as peças são concebidas como vestígios de uma história grandiosa e heroica de algo longínquo e estático. Rompe, também, com uma concepção de um museu detentor de acervos e exposições prontas e acabadas das quais o público não participa e não se reconhece. Ao contrário, o Museu Escolar resgata vestígios do cotidiano da vida escolar, da memória individual, familiar e coletiva.

Dessa maneira concebido, possui acervo em aberto, podendo receber contribuições permanentes da comunidade em que se insere e com a qual dialoga.

Esse museu não só contribui para a preservação do patrimônio histórico, mas ajuda a valorizar a identidade do colégio, que passaram a ter

uma nova noção de pertencimento, além de valorizar a história da comunidade a qual o colégio está inserido.

REFERÊNCIAS

BAEZA, Teresa Marcela Meza (Org). Manual de trabalho em arquivos escolares / secretaria da Educação; - São Paulo: CRE Mário Covas, IMESP, 2003.

BARCA, Isabel. O pensamento histórico dos jovens. Braga: Universidade do Minho, 2000.

BLOCH, Marc Leopold Benjamin. Apologia da História ou O Ofício de Historiador. Zahar, Rio de Janeiro, 2001.

BRASIL Lei nº 11.904 de 14 de janeiro de 2009, que institui o Estatuto de Museus e dá outras providências . Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Decreto/D8124. Acesso: setembro de 2014.

BRASIL, Parâmetros Curriculares Nacionais. história e geografia/Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental.–3. ed. Brasília, 2001.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais História e Geografia. Secretaria de Educação Fundamental – Brasília: MEC, 1997

CARVALHO, Renato Gil Gomes. Cultura global e contextos locais: a escola como instituição possuidora de cultura: própria. Revista Iberoamericana de Educación , Portugal. Disponível em: http://www.rieoei.org/deloslectores/1434GilGomes.pdf Acesso em: outubro 2014.

FARIA, Margarida Lima de. Projecto: Museus e Educação Instituto de Inovação Educacional. Centro de Etnologia Ultramarina. Departamento de Ciências Etnológicas e Etno-museológicas.Instituto de Investigação Científica Tropical – IICT, Julho 2000

IBAITI, Projeto Político Pedagógico do Colégio Estadual Julio Farah, 2011

LE GOFF, Jacques- História e Memória. Campinas. Ed. da Unicamp. São Paulo, 2003.

NEIVA, Eduardo Junior. A imagem. 2.ª edição. São Paulo: Ática, 1996.

OLIVEIRA, Sílvia Maria Rodrigues de; SILVA, Bento Duarte da. Os Museus e a Internet: a necessidade de um agir comunicacional. 2007.

ORSO, Paulino José. História, instituições, arquivos e fontes na pesquisa e na História da Educação. In SILVA, João Carlos da; et al. História da Educação arquivos, instituições escolares e memória histórica. Campinas: Editora Alínea, 2013. p. 33- 49.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Diretrizes Curriculares de História para os anos finais do Ensino Fundamental e para o Ensino Médio. Curitiba: SEED, 2008.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. *Programa nossa Escola tem história – Museu da Escola Paranaense.* Curitiba: SEED, 2008

PEREIRA Júnia Sales; Siman, Lana Mara de Castro; Costa, Carina Martins; Nascimento, Silvania Sousa do. Escola e Museus: diálogos e práticas. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura / Superintendência de Museus; Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais / Cefor, 2007.

PEREIRA, Maria Aparecida Franco. Uma abordagem da história das instituições educcacionais: a importância do arquivo escolar Educação Unisinos,São Leopoldo, RS, v. 11, n. 2 p. 85-90, maio/ago. 2007

RIBEIRO, Angelo Manuel Morgado; SILVA, Bento Duarte da. Museu virtual na escola. 2009.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora e CAINELLI, Marlene. In Ensinar História. São Paulo: Scipione, 2004

VIEIRA, M. do P. de A.; PEIXOTO, M. do R. da C. P.; KOURY, Y. M. A. A Pesquisa em História. São Paulo: Ática, 1989. p 30

Anexos

Anexo 1

Utilização de Imagens

A escola é uma instituição social que deve promover situações de aprendizagens que permanecem por toda a vida. Tem-se muito a visão de que o mais importante é trabalhar conteúdos escolares, esquecendo-se da formação humana, dos valores morais que um sujeito deve ter, das questões de cidadania.

Na atualidade escolar pode ser concebido como espaço de pertencimento para a comunidade a que se vincula, de reflexão sobre suas trajetórias e seu cotidiano. Rompendo assim, com concepção de uma história grandiosa, heroica, como algo longínquo e estático, detentora de acervos e exposições prontas e acabadas das quais o público não participa e não se reconhece.

Os vestígios do cotidiano, da memória individual, familiar e coletiva devem ser apresentados de forma significativa e valorizados, com seus embates e desafios.

> O professor é, assim, um agente cultural e patrimonial. Ao promover ações e disparar processos de sensibilização para com o patrimônio e para com as expressões culturais, ele explora as potencialidades educadoras das cidades, do entorno da escola e de suas instituições culturais, além das oportunidades educativas que podem ser criadas no interior da própria escola. (PEREIRA, 2007, p. 113)

A produção ações que sensibilizem para a história local e para conservação do patrimônio histórico do seu cotidiano, cria no aluno a intimidade com o assunto trabalhado, sendo capaz de perceber os significados dos processos históricos e identificar sua própria identidade dentro dos mesmo e ainda descubra novas interpretações para os fenômenos históricos. Após constatarmos que uma das mais importantes contribuições que o professor mediador do conhecimento pode oferecer a seus alunos nestes nossos tempos é ensiná-los a procurar, a produzir e a organizar o seu

conhecimento de forma significativa uma das atividades a ser desenvolvida para ser trabalhado é a utilização de fotografia. Isto permite discutir conceitos, tais como preservação da memória, história local, histórico do individual e do coletivo.

Vivemos em uma era digital que nos chegam imagens de forma cada vez mais rápida, dinâmica e inovadora. Mas saber manipular o uso da imagem visual em história deve ir além de uma simples ilustração das aulas ou para meras discussões. O uso da imagem deve ser significativo, deve ter intencionalidade. É preciso, também, se perguntar: o uso que faço desse instrumento, realmente auxilia o meu aluno nesse processo? De que maneira as imagens que passam por nossos olhos nos afetam ou refletem aspectos da sociedade em que vivemos?

Para se trabalhar com a análise de fotos, imagens e até outro recurso no ambiente pedagógico deve-se avaliar sua importância para que o mesmo apenas não seja a ilustração, mas que sejam um momento, que instigue-o para senso da observação e da percepção.

Ao apresentar uma imagem ao aluno (fotografia, pintura, gravura etc), ele pode associar a imagem que está vendo às informações que já possui, levando em conta seu conhecimento prévio. Como toda imagem é histórica, o aluno deverá perceber a marca e o momento de sua produção.

Alguns procedimentos são necessários no processo de ensino e aprendizagem, para que não se perca a intencionalidade quando se trabalha com a análise de uma imagem. Explorar e articular com um texto constituirá autentica fonte de informação de pesquisa de conhecimento a partir da qual o aluno pode perceber diferenças e semelhanças entre épocas, culturas e lugares distintos.

A utilização de linguagens diferenciadas pode levar o aluno a um processo de aprendizagem mais interativo, prazeroso, que tenha significado, que lhe dê condições de se posicionar criticamente frente a questões e problemas que a sociedade traz. Enfim, trabalhar os processos iconográficos da história em sala de aula é um caminho fascinante que pode se multiplicar em infinitas formas e possibilidades, sema importante fonte de pesquisa.

Uma das funções das fotografias é mostrar novos olhares sobre o objeto a ser trabalhado, considerando os conceitos inerentes, a pluralidade

vivencial dos alunos, professor e comunidade escolar a que estamos inseridos e a emergência de suas contradições.

O uso de fotografias na pesquisa histórica se intensificou a partir da renovação historiográfica trazida pela Escola dos Annales, que ampliou a noção de documento a partir de outra concepção de história, ou seja o acontecer histórico se faz a partir das ações humanas, destacando que o conhecimento histórico se produz com tudo que, pertencendo ao homem, serve o homem, exprime o homem, demonstra a presença, a atividade, os gostos e as maneiras de ser do homem.

> Nesse caso, ao documento escrito incorporam-se outros de natureza diversa, tais como objetos, signos, paisagens etc. A relação do historiador com o documento também se modifica. O documento já não fala por si mesmo, mas necessita de perguntas adequadas. A intencionalidade já passa a ser alvo de preocupação por parte do historiador, num duplo sentido: a intenção do agente histórico presente no documento e a intenção do agente histórico ao se acercar desse documento. (VIEIRA, PEIXOTO, KHOURY, 1989, p.15)

A definição mais antiga de imagem é dada por Platão, a qual é citada por Joly (1994, p. 13): “Chamo de imagens em primeiro lugar as sombras, depois os reflexos que vemos nas águas ou superfícies de corpos opacos polidos e brilhantes e todas as representações do gênero”. Imagem, portanto, no espelho, e tudo o que emprega o mesmo processo de representação.

O emprego contemporâneo do termo “imagem” remete, na maioria das vezes, à imagem da mídia, sinônimo de televisão e publicidade. O senso comum, porém, sempre atenua e matiza essa simplificação. Veja-se o exemplo que se encontra na Bíblia: “Deus criou o homem à sua imagem”. Aqui, o termo “imagem” deixa de evocar uma representação visual para evocar uma semelhança. O homem-imagem de uma perfeição absoluta para a cultura judaico-cristã que une o mundo visível de Platão, sombra, “imagem” do mundo ideal e inteligível, aos fundamentos da filosofia ocidental. Do mito da caverna à Bíblia, aprende-se que o homem é imagem, ser que se parece com o Belo, o Bem e o Sagrado.

Percebe-se, contudo, que a imagem é um meio de expressão e de comunicação que vincula a pessoa às tradições mais antigas e ricas da cultura humana. Para a compreensão da imagem há necessidade de se levar em

conta alguns conceitos de comunicação, da historicidade de sua interpretação e de suas especificidades culturais.

Com muita propriedade, Jacques Le Goff esclarece que "A fotografia revoluciona a memória: multiplica-a e democratiza-a, dá-lhe uma precisão de uma verdade visual nunca antes atingida, permitindo assim guardar a memória do tempo e da evolução cronológica". (1992, p. 402).

REFERENCIAS

JOLY, Martine. Introdução à análise da imagem. Campinas: Papirus, 1994.

LE GOFF, Jacques. História e Memória. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

NEIVA, Eduardo Junior. A imagem. 2.ª edição. São Paulo: Ática, 1996.

PEREIRA Júnia Sales; Siman, Lana Mara de Castro; Costa, Carina Martins; Nascimento, Silvania Sousa do. Escola e Museus: diálogos e práticas. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura / Superintendência de Museus; Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais / Cefor, 2007.

VIEIRA, M. do P. de A.; PEIXOTO, M. do R. da C. P.; KOURY, Y. M. A. A Pesquisa em História. São Paulo: Ática, 1989. p 30

Anexo 2

HISTÓRICO DA ESCOLA "JÚLIO FARAH"

A fim de atender à necessidade de um campo de experiências onde os alunos e professores de Escola Normal Colegial Estadual "Ney Braga" pudessem colocar em prática aulas teóricas de Didática e Prática de Ensino, bem como levar a efeito estágios de professorandos, foi fundada, em 21 de janeiro de 1.967, através do Decreto nº 29.665/67, a Escola de Aplicação "Júlio Farah", anexo à Escola Normal Colegial Estadual "Ney Braga".

Foi designada para assumir a direção da Escola recém-fundada, em 26 de abril de 1.967, através da Portaria nº 5579/67, o cargo que já ocupava interinamente desde fevereiro de 1.967, a professora MARIA DOLORES MARTINEZ DIB.

Para compor o Corpo Docente da Escola foram convidadas: Iara Maria Franklin Gonçalves, Egle Fernandes Leal, Neide Baby, Roseli Schenna, Célia Aparecida da Silva, Eunice

Chueire Cattai, Abelita Araújo Leite e Valderez Rosalina Darim Chueire, as quais já lecionavam na Escola desde o dia 1º de março de 1.967, data em que iniciaram as aulas desse ano letivo.

Ficou determinado que as professoras: Egle Fernanda Leal e Roseli Schenna assumiram inteiramente os cargos de Secretária e Orientadora, respectivamente.

As cinco turmas foram distribuídas da seguinte forma:

1ª Série: Iara Maria Franklin Gonçalves
2ª Série: Célia Aparecida da Silva
3ª Série: Eunice Chueire Cattai
4ª Série: Abelita Araújo Leite
5ª Série: Neide Baby

A professora Valderez Rosalina Darm Chueire ficou como substituta, em alguma eventualidade.

As classes compunham-se de 30 alunos cada, devidamente separadas por idade, perfazendo um total de 150 alunos.

De 1º de março de 1.967 até 1º de março de 1.973, esta Escola funcionou no prédio do Ginásio Estadual "Antonio Martins de Mello", passando então para as instalações alugadas do Ipê Clube de Ibaiti através de um contrato anual até março do ano de 1.979, quando inaugurou

seu próprio prédio, situado na Rua Benedito Rodrigues Marques com travessa Rio Grande do Sul – Jardim Hilda Guarneri Watfe, em 10 de março de 1.979.

Em 1.976, através do Decreto Governamental nº 2442/76, passa a denominar Escola "JÚLIO FARAH" - ensino de 1º Grau.

Os professores que já atuaram na Escola desde a sua criação em 1.967 a 1.979, são as seguintes: Iara Maria Franklim Gonçalves, Neusa Maria Crachineski, Célia Aparecida da Silva, Eunice Chueire Cattai, Abelita Araújo Leite, Egle Fernandes Leal, Neide Baby, Roseli Schenna, Valderez Rosalina, Darim Chueire, Elizabeth Fernendes Leal, Maria de Lourdes Sidor, Miraide Del Grossi Zanon, Sônia Cordeiro Baby, Maria de Lourdes Trentiny, Hilda Ferreira Bueno, Álvaro Skiba, Ione Dimas de Barros Netto, Maria Aparecida Baby Rodrigues, Jane Jacob Banuth Rodrigues, Edna da Silva Moreira, Maria Dolores Martinez Dib, Ivone Rufinados Santos, Tânia Cordeiro, Neiva Baby de Lima e Dirce Bueno do Vale.

Funcionando precariamente nas instalações alugadas do Ipê Clube, a Escola necessitava de um prédio próprio para desenvolver suas atividades.

Cientes dessa grande necessidade, os professores da Escola solicitaram uma entrevista com o Prefeito, Senhor Levi Rosa dos Santos, pedindo o empenho para conseguir verba junto aos órgãos estaduais para adquirir o terreno e a consequente construção do prédio. Após muita luta foi conseguido o terreno na rua Benedito Rodrigues Marques com a travessa rua Rio Grande do Sul, Jardim Hilda Guarnieri Wattfe.

No dia 10 de março de 1979 foi inaugurado o prédio escolar próprio contendo 06 salas de aula. Seis dias após a inauguração ocorreu a mudança da escola do Ipê Clube para o prédio próprio, mas o primeiro dia de aula no prédio da escola foi em 19/03/79.

No dia 10 de Abril do ano de 1.979, através da Resolução nº332/79 é nomeada Diretora da Escola a Sra. Clovete Fadel de Moura Bueno. Secretária a Sra. Aracy Soares Reis e Jane Jacob Banuth Rodrigues.

Os professores que atuaram na Escola no período de 1.979 a 1.984 são os seguintes: Nair Fortunato Ferreira, Hermas de Morais Bueno, Maria Aparecida Rodrigues, Maria de Lourdes Sidor, Maria de Lourdes Trentiny Fernandes, Edna da Silva Moreira, Dirce Bueno do Vale, Neide Baby, Neiva Baby de Lima, Leontina Francisca da Souza Silva, Dulcinéia de Oliveira de Carvalho, Lindamir Inêz de Oliveira Faria, Fátima Aparecida Gimenez de Oliveira, Dalva Maria Azevedo Delgado, Maria Araci dos Santos Fadel, Nausa Norowiski Louzano, Maria José Matozinho Costa, Antonia Cândida Guimarães de Souza, Marli de Moura Bueno, Irene Sirlei Jassek, Lorena Marly Paulino, Zilda Carvalhal, Terezinha Baby, Neusa Augusta de Moura Milius, Lúcia de Fátima Silveira, Terezinha de Oliveira Pagani, Elietes Eliza T. Vidal, Elietes Eliza T. Vidal, Helena Wantroba Regazzo, Sirlene Rodrigues de Lima Bandarique e Elenita da Silva Araújo.Os funcionários que trabalharam na Escola são os

seguintes: Izaura Carneiro Sales, Filomena Ribeiro dos Santos, Maria Araci dos Santos Fadel, Maria de Lourdes dos Santos Siqueira e Iracy Paraiso Luiz.

A partir de 08/03/83, através da resolução nº 736-86 passa a denominar-se Escola Estadual Julio Farah - Ensino de 1º Grau.

Em de 8 de março de 1.984, pela Resolução nº2.647 e Decreto nº 1.733, aposentou-se a Diretora Clovete Fadel de Moura Bueno, assumindo a direção a professora Lúcia Regina de Oliveira Dib, de acordo com a Resolução nº 812/84, deixando a direção da Escola no início do ano de 1.985. Sendo designada a professora Maria de Lourdes Trentiny Fernandes, para exercer a função de Diretora, conforme Resolução 317/85, de 07/02/85.

Novos professores foram contratados através de convênio: Selma Aparecida Ferreira, Cláudia de Almeida, Inêz Dal Plá, Jussara Aparecida Jacob Stadler, Clovânia Maria de Moura Almeida, Maria Eugênia Leal de Paiva (servente), Margareth Ruiz, Silvana Iara de Paula, Marilda Tironi da Silva, Rosana A. Gentille Lacava, Adalgisa F. Siqueira, Izabel Cristina Diogo, Silmara Cristina da Silva Bueno, Vilma Aparecida Campos, Joelma Baby, Cleonice Nogueira Baby, Silvia Margareth B. Raimundo, Maria Madalena M. Inácio. Até o ano de 1.994 ainda continua Diretora de Escola a Sra. Maria de Lourdes Trentiny Fernandes.

Em 1990 – através da resolução nº 3632/89 fica autorizado o funcionamento das quatro últimas séries do 1º Grau período noturno na Escola Estadual Julio Farah - Ensino de 1º onde foi iimplantado o ensino de 5ª a 8ª séries de forma gradativa, no período noturno.

No ano de 1992 houve a municipalização de 1ª a 4ª séries, ficando sob responsabilidade apenas de 5ª a 8ª séries. Sendo assim em 13/03/92 separou-se a escola de 1ª a 4ª, ficando a Escola Estadual Julio Farah - Ensino de 1º Grau.

Em 1998 a Escola Julio Farah - Ensino de 1º Grau, passou a denominar-se Escola Estadual Julio Farah - Ensino Fundamental conforme Resolução Secretarial nº 3.120/98 D.O.E. 5332 de 11/09/98.

No ano de 2000 foi construída sua primeira quadra poliesportiva, já em 2002 foram construídas mais 02 salas de aulas, perfazendo um total de 08 salas.

A Escola passou por uma reforma completa, em 2006, quadra poliesportiva foi coberta e também foi instalado o Laboratório de Informática.

Em 2007, deixou de ser escola, pois com abertura do curso de ensino médio, passa a ser nominado Colégio Estadual Julio Farah – Ensino Fundamental e Médio.

Atualmente o Colégio recebeu nova reforma onde houve pintura de todo o colégio, construção de três novas salas de aula, um laboratório de química e física e também o a ampliação de quadra poliesportiva.

Anexo 3

Catalogação de Imagens

No Brasil ainda é muito recente a cultura de preservação do patrimônio cultural e memória social; somente a partir da década de 1990 é que o debate acerca dos arquivos históricos escolares se fortaleceu.

> A memória em si, ligada à aprendizagem, ou a uma função e experiência aprendida no passado, faz parte de uma preocupação básica com a sociedade. As exigências da vida em grupo resultam frequentemente na modelagem da memória através da repressão, do enfoque em certas esferas de interesse (...). Quanto a isto podemos destacar a memória social, a qual designa o caráter social da construção da memória humana: a associação com as questões do tempo e da história, como um meio de identificar e formar as identidades. (CARLAN, 2008, p78)

Dentro desse contexto, podemos observar que através da memória social podemos ampliar nossa consciência histórica, tornando-se assim mais atuante, crítico e capaz de transformar a realidade que vive.

O historiador deve entender que não é possível recuperar o passado tal como aconteceu e que o trabalho com as fontes documentais, busca uma aproximação do real e que o mesmo deve estar baseado numa ponte entre o passado e o presente.

Marc Bloch (2001, p. 79) reforça que o passado é por definição um dado que nada mais modificará. Porém, o conhecimento do passado é uma coisa em progresso, que incessantemente se transforma e aperfeiçoa.

O processo de construção do conhecimento histórico não é um dado pronto e acabado. Constantemente, novas questões do presente dão vida a novas interpretações sobre passado. É necessário que o pesquisador tenha cuidado e seriedade tanto no trato com as fontes e com a história, como com o método de pesquisa a ser adotado. Ao contrário do que os positivistas afirmavam, as fontes não falam por si, elas são uma “construção do pesquisador” e de posse desses documentos, o historiador deverá saber interrogá-los, fazendo-os falar. (ORSO, 2013, p. 43).

A ação docente consciente de seu significado cultural pode se configurar na escola um lugar de valor, pois ela é fundamentalmente um lugar

de patrimônio. Nessa perspectiva, o território em que se inserem escola e museu é visto como ambiente cultural a ser compreendido, marcado por práticas, saberes, fazeres e manifestações, todos plenos de significados e valores para as suas comunidades. Ao assumir essa inserção sociocultural e patrimonial, o professor passa a sinalizar a si mesmo, aos outros profissionais, aos alunos e à comunidade escolar o significado de sua ação, que compreende e incorpora o valor formativo dessa atuação sociocultural e política, ao mesmo tempo em que cultiva os atributos fundamentais da valorização da memória cultural - na escola e a partir dela.

Como pode perceber, no processo educativo os alunos são sujeitos do movimento de preservação que o museu representa na sociedade e a ação educativa não se inicia na visita, mas é parte de um diálogo com os alunos, com os professores e a comunidade do bairro sobre a história, o passado, a escola e o museu nesse grande esforço pela valorização da trajetória histórica do bairro, das pessoas e das instituições daquele lugar.

Os processos de coleta e seleção dos objetos, dos testemunhos e dos documentos devem ocorrer de maneira dialogada com os valores que as pessoas do bairro atribuíam e nisso a função patrimonial dos objetos pôde ser mais bem compreendida pelos alunos, professores e pelo próprio museu.

Além de valorizar a história da região, o museu objetiva contribuir para ampliar a comunicação entre os diferentes patrimônios existentes na cidade, favorecendo o exercício da cidadania e a participação das comunidades no processo de apropriação do patrimônio cultural local e universal.

Assim, o trabalho se insere no campo da história das instituições escolares que abrange diferentes tipos de entidades encarregadas de armazenar, preservar e organizar acervos que se constituem como repositório da memória coletiva. As escolas, em suas atividades cotidianas, produzem muitos e variados tipos de documentação.

Esta questão de organização do acervo documental é um dos desafios a serem enfrentados, além da falta de espaço, recursos humanos e de materiais nas instituições escolares.

> A escola produz em seu cotidiano, diversos tipos de documentos e registros, exigidos pela administração, que perpassam inclusive seu âmbito pedagógico. Há toda uma legislação que orienta essa

> produção, como funcionamento, a organização e controle de suas atividades. Além disso, pode-se encontrar no arquivo escolar outros tipos de documentos que excedem a determinação legal, como fotografias, jornais produzidos pela escola, cadernos de alunos, recortes de jornais externos, e bilhetes. (GONÇALVES, 2005, p. 3).

As escolas, por exercerem múnus público, são obrigados a preservarem seus arquivos permanentes e segundo a lei brasileira n. 8.159, seus conjuntos documentais permanentes são confiados a arquivo público.

> art. 2º, que para fins dessa lei, consideram-se arquivos: os conjuntos de documentos produzidos e recebidos por órgãos públicos, instituições de caráter público e entidades privadas, em decorrência do exercício de atividades específicas, bem como por pessoa física, qualquer que seja o suporte da informação e natureza dos documentos (Lei nº 8.159, de 8 de janeiro de 1991, que institui o Novo Código Civil, em seu art. 2º)

Sendo assim, há necessidade de proteção dos documentos escolares que caracterizam como fonte de pesquisa e suporte de informação. Nestes documentos encontram-se não só a memória individual como também a memória coletiva da educação.

Os arquivos escolares geralmente são precários, os espaços onde estão guardados os documentos são inadequados, pois têm problemas de ventilação e iluminação, excesso de umidade, poeira, poluentes atmosféricos, insetos, fungos, anóbios, traças, entre outros problemas detectados e causadores do processo de destruição.

Esta questão de organização do acervo documental se constitui em um grande desafio. Além da falta de espaço, recursos humanos e de materiais nas instituições escolares, há outras questões essenciais: tudo merece ser preservado? Como selecionar?

> Preservar não significa guardar tudo, mas “avaliar” a documentação, descartando o desnecessário e criando condições mínimas de sobrevivência do suporte físico (materialidade) e da informação do documento. [...] A polêmica me parece maior em torno dos princípios da conservação e do descarte e é nesse sentido que o diálogo deve ser estabelecido prioritariamente. (VIDAL, 2000, p. 39).

Nesse sentido, a educação escolar é considerada um dos principais veículos de socialização e de promoção do desenvolvimento individual.

Inserindo-se num contexto histórico, social e cultural mais amplo, os sistemas educativos acabam por ilustrar os valores que orientam a sociedade e que esta quer transmitir.

O diálogo entre a escola e o museu permite a socialização de práticas e descobertas no qual o princípio fundamental é a abertura ao novo, ao diferente e principalmente visualização e materialização do passado, promovendo e proporcionando maior compreensão de quantos argumentos podem ser utilizados para fornecer a mesma ideia e promovendo um processo formativo aos alunos e professores. Inegavelmente as novas tecnologias representam um potencial de incremento das pesquisas em história da educação, seja por agilizar a produção e disseminação do conhecimento, seja por permitir o armazenamento de dados em grande escala, por meios visuais, sem os inconvenientes dos enormes espaços físicos necessários para a guarda de documentos na sua forma material. (SAVIANI, 2013, p. 25)

Propor-se a reconstruir historicamente as instituições escolares implica em admitir a existência dessas instituições que, pelo seu caráter durável têm uma história que nós não apenas queremos, mas também necessitamos conhecer:

> A construção de formas de cooperação entre a *escola* e o *museu* ajudando cada uma das instituições a sair do seu próprio isolamento em relação ao mundo que lhe é exterior, abalando-se mutuamente nas suas resistências mais tradicionais, é com certeza um profícuo caminho. Este tipo de colaboração contribuirá igualmente para o reforço de um sentido comum que lhes permita enfrentar, adaptar e desafiar, sugerindo novas configurações, os novos fenómenos sociais e culturais ligados à produção e consumo de formas complementares de conhecimento. (FARIA, 2000, p.4)

Sendo assim, o museu não só contribui para a preservação do patrimônio histórico, mas ajuda a valorizar a identidade; é uma ação do local que visa também ao global.

Devem ser selecionadas para catalogação de um acervo fotográfico escolar:

- Conjunto de imagens que contêm ou narram a sequência de acontecimentos;
- Imagens que tenham valor para acesso público ou de acervo;

-Não devem ser publicas as imagens que:

- tenham sido produzidas em contexto publicitário e comercial;
- imagens sem autorização de seu uso;
- imagens de crianças, conforme o que estabelece o Estatuto da Criança e do Adolescente;
- contenham cenas fortes (por exemplo de acidentes com vítimas);

Orientações para catalogação

- O processo de catalogação das imagens tem início com a criação do álbum. O álbum deve conter fotos de mesmo interesse, exemplo: álbum dos Diretores do Colégio, ou álbum de Comemorações Realizadas pelo Grêmio Estudantil do ano de 2013.
- Nesse processo são solicitadas informações padrão, que irão se repetir a cada imagem adicionada. Todos os álbuns compõem uma ou mais categorias, que, nada mais é, que uma classificação temática das imagens.
- A catalogação deverá seguir o roteiro.

1- **Categoria**: Inserir a categoria na qual o álbum será inserido.
2- **Nome**: Nome do álbum. (sugere-se que o nome do álbum seja composto por palavras que remetam ao nome do evento, local e data).
3- **Descrição**: Elaborar uma pequena descrição o álbum.
4- **Legenda**: Resume o que a imagem representa.
5- **Resumo**: Descrever, com mais abrangência mas, de forma sucinta, o conteúdo da foto.
6- **Local e Data**: Lugar e data de onde a foto foi capturada.
7- **Pessoa presente na foto**: Informar as pessoas que estão presentes na foto.
8- **Créditos ao Autor**: Indica o responsável pela captura das imagens.

Procedimentos de acervo

1. Nomear as pastas com a mesma orientação para o nome do álbum.

2. Mensalmente, deve ser feito backup das pastas mantidas no computador, de forma que elas fiquem armazenadas, no computador e na mídia de backup (CD, DVD ou HD, preferencialmente este último);

3. Na mídia de backup as fotos devem ser mantidas dentro de pastas que tenham o mesmo nome do álbum, devidamente guardadas em pastas com o nome da categoria, que por sua vez estarão em pastas separadas por ano.

REFERENCIAS

BRASIL Lei nº Lei nº 8.159, de 8 de janeiro de 1991, que institui o Novo Código Civil, em seu art. 2º . Legislação Federal. sítio eletrônico internet - planalto.gov.br. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8159.htm. Acesso em maio de 2014.

BLOCH, Marc Leopold Benjamin. Apologia da História ou O Ofício de Historiador. Zahar, Rio de Janeiro, 2001.

CARLAN, Claudio Umpierre. Os museus e o patrimônio histórico: uma relação complexa. História (São Paulo), v. 27, n. 2, p. 75-88, 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010190742008000200005&script=sci_arttext&tlng=esja.org. Acesso em: junho 2014

FARIA, Margarida Lima de. Projecto: Museus e Educação Instituto de Inovação Educacional. Centro de Etnologia Ultramarina. Departamento de Ciências Etnológicas e Etno-museológicas.Instituto de Investigação Científica Tropical – IICT, Julho 2000

GONÇALVES, Nádia G. A escola e o arquivo histórico escolar como locais de memória: discutindo possibilidades de trabalho do pesquisador, do professor de história e de diálogos com a comunidade escolar. XXIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – ANPUH. Anais... Londrina: UEL/ Anpuh, 2005.

ORSO, Paulino José. História, instituições, arquivos e fontes na pesquisa e na História da Educação. In SILVA, João Carlos da; et al. História da Educação arquivos, instituições escolares e memória histórica. Campinas: Editora Alínea, 2013. p. 33- 49.

SAVIANI, Dermeval. Instituições, Arquivos e Organização de Acervos para a História das Instituições Escolares. In SILVA, João Carlos da; et al. História da Educação arquivos, instituições escolares e memória histórica. Campinas: Editora Alínea, 2013. p. 13-33.

VIDAL, Diana Gonçalves. Fim do mundo do fim: avaliação, preservação e descarte documental. In. FARIA FILHO, Luciano Mendes de (Org.). *Arquivos, fontes e novas tecnologias:* questões para a história da educação. Campinas, SP; Autores Associados; Bragança Paulista, SP: Universidade São Francisco, 2000. p.31-43. (Coleção memória da educação).

Anexo 4

COLÉGIO ESTADUAL JULIO FARAH

ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO

RUA BENEDITO RODRIGUES MARQUES, S/N. – FONE (43) 3546-1079

IBAITI - CEP 84.900-000 - PARANÁ

AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Eu,_____, RG_____, como detentor dos direitos autorais, autorizo por meio deste instrumento particular a Secretaria de Estado da Educação do Paraná a veicular, utilizar e reutilizar na íntegra ou em partes, dispor para os devidos fins específicos, educativos, técnicos e culturais, sem que isto implique em quaisquer ônus para a mesma, imagens do trabalho filmado, fotografado e/ou gravado em atividades pedagógicas e educativas desenvolvidas pela escola, nas quais participa o/a aluno/a _____ _____ , no Portal da Secretaria de Estado da Educação, Jornal Nossa Escola, Jornal Nossa Escola Mural, Site da Escola e demais veículos de comunicação.

Registro ainda minha responsabilidade quanto à veracidade das informações pessoais acima especificadas, bem como ser detentor dos direitos autorais da obra acima citada, nos termos da lei no 9610/98 (Lei de Direitos Autorais).

Ibaiti, _____ de _____ de _____

Assinatura do responsável:

_____